

Uma fila que não avança

Cinco mil pessoas esperam em vão por cirurgias no Hospital da Base de Brasília

FLÁVIA ROCHET

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

BRASÍLIA – A fila para cirurgias no Hospital de Base do Distrito Federal, que já ultrapassa cinco mil pessoas, está difícil de andar. Isso porque senadores, deputados e prefeitos utilizam o poder político que têm para conseguir atendimento preferencial para parentes, correligionários e cabos eleitorais. Quem reconhece o problema é o próprio diretor do hospital, Aluísio Toscano Franca. Ele afirma que, frequentemente, chegam pedidos, por meio de ofícios e bilhetes, para que o portador fure a fila de consultas e cirurgias.

Apesar da falta de estrutura do Hospital de Base, onde faltam medicamentos e equipamentos cirúrgicos, a procura para atendimento é concorrida. Após 42 anos da inauguração do hospital, que é gerido pelo governo do Distrito Federal, a capacidade de cirurgias caiu pela metade. Das 16 salas destinadas a elas, apenas sete estão funcionando. Os próprios pacientes têm que trazer medicamentos básicos de casa. E são os doadores que mantêm funcionando a estrutura do hospital. Trazem de cortinas a chuveiros elétricos.

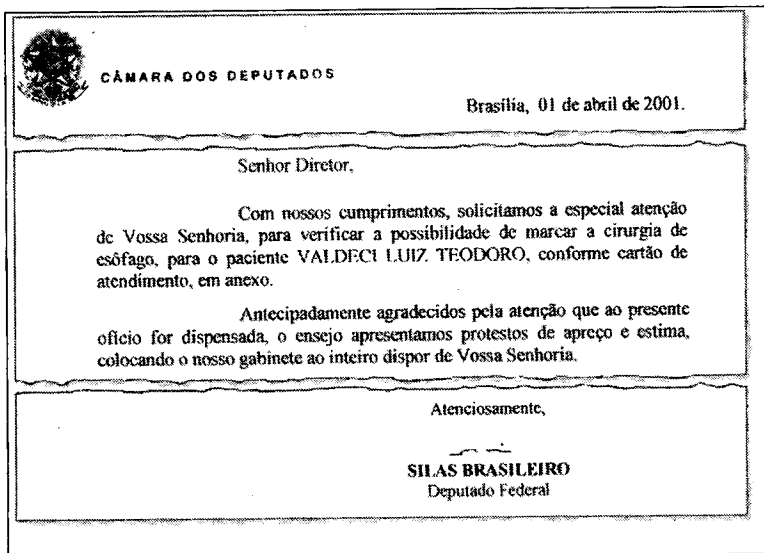
Não raro, políticos de todos os partidos mandam parentes e correligionários para serem

Políticos usam influência para que protegidos furem a fila

atendidos e operados no Hospital de Base. Assim, enquanto alguns conseguem um pronto atendimento, cinco mil pacientes esperam numa interminável fila por uma cirurgia.

O diretor Aluísio Franca reconhece a ação dos políticos que, nas suas palavras, “despejam” pacientes na porta do pronto-socorro com “bilhetinhos”, alguns dos quais em ofícios formais.

– Todos os políticos mandam parentes e amigos. Vale tudo aqui dentro do hospital. Temos que fazer até hora extra para atendê-los. Os políticos mandam simplesmente despejar no hospital. Quem pode dizer que os pacientes que eles mandam não vão entrar? Brasília é a capital e os políticos acham que temos



obrigação de atendê-los – diz o diretor.

O deputado federal Silas Brasileiro (PMDB-MG) é um dos exemplos de fura-fila. Em abril de 2001, ele encaminhou ao diretor do Hospital de Base Franca um ofício da Câmara dos Deputados solicitando “especial atenção” para marcação da data da cirurgia do paciente Valdeci Luiz Teodoro. Na oportunidade, o deputado afirmou no documento que seu gabinete estaria ao inteiro dispor do diretor.

O ex-secretário de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Distrito Federal e atual vice-presidente do PSDB local, Antônio Luiz Barbosa, também enviou um ofício para o hospital solicitando que a cirurgia da paciente Jovina Pe-

reira Lopes fosse “abreviada”.

Apesar do assédio dos políticos, o hospital está passando por dificuldades. Faltam medicamentos e equipamentos. O diretor se vê obrigado, não raras vezes, a comprar agulhas e seringas com dinheiro do próprio bolso.

De acordo com Franca, a estrutura do Hospital de Base é complexa e a realização de algumas cirurgias foi diminuindo de número até a situação em que elas já não são mais realizadas. Exemplo disso, é a cirurgia para obesidade, que começou a ser feita há quatro anos. Até seis meses atrás, quando esse tipo de operação parou de ser feita, mais de 60 pacientes foram submetidos a ela com sucesso. Todo o processo da operação exige uma equipe de enfermeiros especializados, psicólogos, camas apropriadas e vasos sanitários resistentes.

– É só na árvore frondosa que se atira pedra. Porque não batem no Hospital Regional da Asa Norte (também em Brasília) que é só de enfeite? Batem sempre no que mais produz. Temos superlotação de patologias pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Quando não podemos atender, damos passagem de avião para os pacientes irem para outros estados – desabafa o diretor.

Hospital teve que suspender cirurgias contra a obesidade